



>> Whatsapp, o que nos escondes...

O *Whatsapp*, tendo surgido em 2009, atingiu um enorme e rápido sucesso o qual se deveu, segundo o seu cofundador *Jan Koum* : *“Concentramo-nos em melhorar o produto e tentar fazê-lo funcionar como uma agenda de contactos, o que contribuiu para que a aplicação se tornasse amplamente conhecida sem que fosse necessário gastar dinheiro para a promover. Além disso, o nosso objetivo foi garantir que as mensagens chegassem rapidamente, mesmo que a ligação fosse precária. E, finalmente, toda a gente que escreve algo quer que a outra pessoa leia e responda, qualquer que seja o lugar do planeta em que se encontre. A comunicação está no nosso DNA e o WhatsApp surge para conectar pessoas”* .

Na realidade, o sucesso foi enorme: neste momento constata-se que mais de 1 500 milhões de pessoas utilizam o *Whatsapp*, existem mais de 100 milhões de grupos ativos e mais de 65 000 milhões de mensagens são enviadas diariamente . Mantém-se fiel à sua génese não apresentando qualquer tipo de anúncios o que, sem dúvida, contribui para aumentar a satisfação junto dos utilizadores. Em 2014 foi adquirido pelo *Facebook*.

No entanto, não há bela sem senão: na conferência anual *Black Hat*, realizada no passado mês de agosto, a qual tem por temática central a discussão de questões relacionadas com a segurança, foram apresentadas diversas falhas graves de segurança no *Whatsapp*, as quais permitem que sejam intercetadas e alteradas mensagens enviadas, quer sejam particulares (privadas) quer sejam de grupo (públicas).

Estamos perante uma situação em que é possível difundir informações falsas que, supostamente, são tidas como tendo origem em fontes confiáveis: é possível criar novas mensagens em nome de outra pessoa em vez de mostrar como responsável o verdadeiro remetente, modificar o conteúdo de mensagens privadas, e ainda, enviar a alguém uma mensagem pública como se esta fosse privada.

Mais grave é constatar que estas falhas de segurança já tinham sido identificadas em 2018 e comunicadas ao *Facebook*. Até à data, só uma foi corrigida.

Sendo assim, é perfeitamente possível que alguém pense que está a trocar mensagens com um amigo mas, na realidade, está a receber mensagens de um cibercriminoso. Entre os especialistas há quem acredite que estas falhas possam ser mais um veículo utilizado para difundir as *fake news* tão vulgarizadas nos dias de hoje. Será?